

A emergência dos saberes afroreligiosos.

Entrevista com Ivanir dos Santos

The emergence of Afro-religious knowledge. Interview with Ivanir dos Santos

Bruna Marques Cabral¹

Diego Omar da Silveira²



Vivemos atualmente no Brasil um movimento, às vezes ambíguo e um tanto contraditório, de emergência dos saberes afroreligiosos na esfera pública. Ambíguo porque esse processo é marcado, por um lado, pela crescente visibilidade e importância de autores negros, que falam em nome de suas comunidades e dos povos de terreiros, para públicos cada vez mais amplos e diversificados, incluindo aí o ainda seleto grupo de acadêmicos, especialistas no estudo das religiões e tra-

¹ Doutora e mestra em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordenadora do Grupo de Pesquisa História e Catolicismo: Da Neocristandade ao Tempo Presente e membro do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER). Trabalha atualmente como professora de História da rede municipal de São João de Meriti e na rede estadual do Rio de Janeiro. E-mail: brunaclio@uol.com.br.

² Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trabalha atualmente como professor assistente no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenou a Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). É membro da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo e do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

dições africanas e afrobrasileiras. Por outro, essa maior exposição muitas vezes os expõe também aos ainda frequentes e lamentáveis episódios de discriminação e violência religiosa, atualmente, veiculados também e sobretudo, nas redes sociais. Contraditório porque, em um contexto de maior liberdade religiosa, ampliam-se também as disputas pelos lugares autorizados de enunciação que às vezes esgarça os limites da razão comunicativa e as possibilidades de colaboração entre diferentes atores/sujeitos na luta contra o preconceito e a violência religiosa.

O Babalawo Ivanir dos Santos é uma personagem central nesse processo, pois une de forma exemplar uma militância construída há muito nas bases com uma inserção nos meios acadêmicos. Para citar apenas uma parte de sua atuação, atualmente, ele é membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), atua na Coordenadoria de Religiões Tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Conselheiro Estratégico do Centro de Articulações de População Marginalizada (CEAP), interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), conselheiro Consultivo do Cais do Valongo e vice-presidente da América Latina no Conselho Internacional da Ancient Religion Societies of African Descendants International Council (ARSADIC), Nigéria. Publicou recentemente, pela editora Pallas, o resultado de sua tese de doutorado: *Marchar não é Caminhar – Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa* (2019).

Em tempos de pandemia, Ivanir dos Santos têm mantido uma atividade incessante, participando quase diariamente de *lives* com gente de diversas partes do Brasil. Uma rotina que reflete, aliás, o trabalho que já vinha realizando em anos anteriores, com diversos públicos e interlocutores (no Congresso Nacional, no carnaval, no Festival Folclórico de Parintins, nos movimentos LGBTQI+, em entrevistas para sites e jornais, além é, claro, das Universidades). Nesses diferentes lugares sociais, tem sustentado a ideia de que “ser Estado apenas formalmente laico não basta”, sobretudo quando se considera o histórico de agressões e perseguições dos poderes públicos às religiões de matrizes africanas não apenas durante o período colonial, mas até muito recentemente, mesmo durante a República, quando o Catolicismo já não era mais a religião oficial e em que havia reconhecimento a liberdade religiosa já se fazia presente na Constituição.

Assim, construir espaços de tolerância, diálogo e respeito entre as diversas tradições religiosas tem sido um esforço constante na sua trajetória como religioso e pensador. Como ele costuma pontuar, a intolerância religiosa é uma questão complexa, que se origina e espraia no campo social, político, econômico e cultural. E precisa, portanto, ser combatida em várias frentes e pela união de diferentes sujeitos. Esses temas todos permeiam essa breve entrevista que Ivanir dos Santos nos concedeu, por e-mail, tendo em vista a necessidade de distanciamento social nos dias atuais.

Bruna Cabral e Diego Omar: Professor, gostaríamos que começasse nos contando um pouco da sua trajetória, antes da Universidade, inclusive da sua formação espiritual e da sua comunidade religiosa.

Ivanir dos Santos: Bom, meu nome é Carlos Alberto Ivanir dos Santos, mas sou conhecido apenas como Ivanir dos Santos. Fui criado na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM), após ser violentamente tirado dos braços da minha mãe. Minha formação política e social é marcada por todos os processos dessas experiências. Sou iniciado no candomblé, para o orixá Oxaguian, no Ilê Alabaxé, pela mão do saudoso Babalorixá Edinho de Oxóssi. Também fui iniciado no culto Ifá, pelo Olwo Jokotoye Bamkole, na cidade de Ogbomosho, na Nigéria, no Egbe Adifala. Sou formado em Pedagogia pela Faculdade Notre Dame e conclui, em 2018, o meu doutorado em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tive a grande honra de ser orientado pelo Prof. Dr Flávio Gomes e pelo Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese. Atualmente, estou no pós-doutorado em História Comparada pela mesma intuição.

Bruna Cabral e Diego Omar: Como foi que se despertou para a questão da formação acadêmica e como se deu o seu percurso dentro da Universidade até chegar ao doutorado?

Ivanir dos Santos: Na verdade, eu nunca coloquei a formação acadêmica como um pré-requisito para manter e dar vozes às minhas lutas políticas, forjadas e construídas pelas minhas experiências dentro dos movimentos sociais e, principalmente, dentro do movimento negro. Eu me formei na Notre Dame e continuo a

fazer o que sempre fiz: o movimento social fora das universidades. Mas, em 2014, após um encontro acadêmico organizado pelo CEAP junto com o LHER, me senti tocado pelas palavras do professor André Chevitarese e escolhi tentar o processo seletivo. Desde então, venho fazendo esse “casamento” entre militância e ações acadêmicas, o que também é um ato de político.

Bruna Cabral e Diego Omar: *Marchar não é Caminhar – Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa* é o título da sua tese de doutorado, defendida na UFRJ. Como foi esse processo de mesclar um profundo conhecimento das religiões de matriz africana e o desafio de tratar na academia a questão da intolerância religiosa?

Ivanir dos Santos: Foi um processo tranquilo, pois a todo momento sempre tive o apoio dos meus orientadores, que souberam, com grande maestria, me conduzir ao objetivo central da pesquisa: evidenciar os processos históricos de perseguições contra adeptos das religiões de matrizes africanas e comparar como o poder público, de forma indireta, corrobora para o fortalecimento e promoção da intolerância religiosa. E tal análise, que faço no 3º capítulo da minha tese, acontece de forma indireta com a liberação e apoio de verbas públicas para o acontecimento de eventos de cunho estritamente religiosos e, em contrapartida, a mesma ação não acontece com eventos de cunho inter-religioso.

Bruna Cabral e Diego Omar: Nos últimos anos o senhor tem viajado pelo Brasil, conhecido várias realidades e falado para diversos públicos. É um expoente de uma insurreição dos saberes afrorreligiosos em país onde ainda há racismo e muito preconceito. Como tem sido essa experiência?

Ivanir dos Santos: Bom, essa prática acontece em minha vida há mais de 40 anos por conta dos trabalhos que realizei, e ainda realizo, dentro do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) e também dentro das ações dos movimentos negros. Eu sempre coloquei como base para qualquer ação o princípio da alteridade, e essa experiência me projetou e me moldou sobre um olhar plural, voltado para as diversidades culturais, regionais e religiosas.

Bruna Cabral e Diego Omar: O senhor acha que esses novos conceitos que tem emergido ou ganhado maior visibilidade na atualidade – como lugar de fala, apropriação cultural, racismo estrutural, racismo recreativo – ajudam a repensar o lugar as religiões afrobrasileiras na nossa formação cultural/social?

Ivanir dos Santos: Sim, ajudam! Mas na minha concepção e análises de estudos, a palavra “INTOLERANCIA” é o que, ao meu ver, melhor consegue significar o que vem acontecendo cotidianamente. No posfácio do meu livro eu levanto justamente essa questão. A palavra intolerância consegue abarcar uma série de violências religiosas que não acontece exclusivamente com os adeptos das religiões de matrizes africanas.

Bruna Cabral e Diego Omar: E o Estado, como tem reagido ao empoderamento das populações negras e de seus saberes? Essa questão podia até se juntar a uma outra, já que o senhor é conselheiro estratégico do CEAP e interlocutor da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR). O que poderia nos dizer sobre as experiências no CEAP e na CCIR?

Ivanir dos Santos: Bom, o CEAP está há mais quatro décadas promovendo ações em prol das populações marginalizadas. Temos registro de diversos projetos voltados para a promoção e visibilidade da população negra no Brasil. Já a CCIR nasceu dos anseios coletivos de várias lideranças religiosas em promover o diálogo inter-religioso, a liberdade religiosa e tolerância. E uma das maiores ações conjuntas é a Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa que acontece anualmente no 3º domingo do mês de setembro, no Posto 6 da Orla de Copacabana. Essa união aconteceu em resposta aos casos de intolerância religiosa que ocorreram no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, em que adeptos das religiões de matrizes africanas foram expulsos do local. Uma vez que o poder público pouco fez para coibir esse crime, nos fizemos presente para evidenciar para a sociedade os processos de violência pelos quais passamos cotidianamente.

Bruna Cabral e Diego Omar: Temos no poder um governante que representa uma coalisão que une pensamento ultra-neoliberal na economia com um reacionarismo extremado na pauta da moral e dos costumes. A consequência desse arranjo político, que saiu vitorioso nas últimas eleições, é a influência direta de políticos e

líderes religiosos de direita nas coisas de Estado; situação que ganha contornos muito claros nas inúmeras iniciativas de interferência nos currículos escolares e de tutela dos professores, por exemplo. Sendo um especialista no tema da intolerância religiosa e da laicidade, como o senhor vê o atual cenário político?

Ivanir dos Santos: Vejo com bastante preocupação, pois essa simbiose entre religião e ações sobre o Estado produz resultados que não estão em consonância com as propostas de um Estado laico. Mas ao deitarmos nossos olhos sobre os processos históricos da formação social e política do nosso país, percebemos que esse “arranjo político” sempre esteve presente. A religião nunca deixou de fazer parte dos arranjos de manutenção e sustentação do poder.

Bruna Cabral e Diego Omar: No contexto que estamos vivendo em nosso país, da pandemia de COVID-19 e de ataque à ciência e desrespeito à laicidade do Estado por parte de diversas autoridades (sobretudo do atual presidente da República), é possível construir caminhos para o respeito à diversidade e falar em tolerância, respeito e harmonia entre as religiões?

Ivanir dos Santos: Bom, primeiro precisamos pontuar que a intolerância religiosa é uma questão bem anterior à pandemia de COVID-19. Como também é bem anterior aos processos de desrespeito à laicidade do Estado. Os tristes episódios de intolerância, desrespeitos e falta de equidade religiosa que se proliferaram durante o contexto de pandemia são fruto dos processos históricos de perseguições, de violências simbólicas e tentativas de cerceamentos das liberdades. Acredito que, mesmo diante dessas questões, é possível construirmos um caminho de respeito às diversidades, mas para que possa acontecer precisamos promover uma ação coletiva de compreensão e abertura para a pluralidade religiosa.

Bruna Cabral e Diego Omar: Pensando mais o universo das escolas, qual a importância de as religiões afro aparecerem nos currículos, entrarem no ambiente escolar? O senhor acha que isso teria impacto sobre o debate sobre intolerância religiosa na educação pública?

Ivanir dos Santos: As religiões e culturas afro-brasileiras fizeram e fazem parte da construção e manutenção das identidades brasileiras. Acredito que o cerne dessa importância é pautar que essas culturas estão intimamente sincronizadas

nos seios da gênese da formação da nossa sociedade. Visibilizar essa participação e acionar mecanismos de negação histórica é bem típico das sociedades coloniais, que vangloriam os processos e resquícios da colonização.

Bruna Cabral e Diego Omar: Qual a importância de espaços de reflexão e de militância como o CEAP, CCIR e o LHER nesse contexto de tantos ataques ao princípio da laicidade na educação e da intolerância religiosa em nosso país?

Ivanir dos Santos: Acredito que a importância está no sentido que esses espaços proporcionam. O CEAP vem de uma trajetória de mais de 30 anos de luta em defesa da população marginalizada, a CCIR foi fundada sobre a ideia de equidade religiosa e diálogo inter-religioso e o LHER é uma das maiores referências no campo da História da Religiões. Juntos, esses espaços produzem reflexões em vários setores da nossa sociedade e nos ajudam a projetar ações mais contundentes contra a intolerância religiosa no Brasil, seja dentro ou fora dos espaços acadêmicos.

Principais trabalhos publicados pelo entrevistado:

SANTOS, Ivanir dos. *Marchar Não é Caminhar*. Interfaces políticas e sociais das Religiões de Matriz Africana no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SANTOS, Ivanir dos; GINO, Mariana. Conexões Brasil e Nigéria: As lutas pela Liberdade e Diversidade. In: IZIDORO, José Luiz (org.). *O Sagrado Revelado nas Teias Socioculturais de Contemporaneidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

SANTOS, Ivanir dos; NASCIMENTO, M. G. O.; CAVALCANTI, J. B.; GINO, M.; ALMEIDA, V. (org.). *Intolerância Religiosa no Brasil: Relatório e Balanço*. 2º ed. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

SANTOS, Ivanir dos; NASCIMENTO, M. G. O.; CAVALCANTI, J. B.; GINO, M.; ALMEIDA, V. (org.). *Religious Intolerance in Brazil: Report and Account*. 2º ed. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

SANTOS, Ivanir dos. Uma brevíssima análise sobre os processos de longa duração da Intolerância Religiosa contra os Grupos e Cultos religiosos de Matrizes Africanas no Brasil. In: *Revista Akeko*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, 2018.

SANTOS, Ivanir dos; GINO, Mariana. A Menina e a Pedra: uma breve delineação sobre a Intolerância Religiosa no Brasil. In: SANTOS, Ivanir dos; NASCIMENTO, M. G. O.; CAVALCANTI, J. B.; GINO, Mariana; ALMEIDA, V. (org.). *Intolerância Religiosa no Brasil: Relatório e Balanço*. 2º ed. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

SANTOS, Ivanir dos; GINO, Mariana. Uma brevíssima análise sobre a atuação dos grupos de religiões de matrizes africanas contra os processos de intolerância Religiosa na Contemporaneidade. In: CABRAL, Bruna Marques; ALBUQUERQUE, Bruno da Silveira; BRITO, Gláucia Ferreira Lima (org.). *Religião não se discute? Diálogos entre religiões, política e história*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

SANTOS, Ivanir dos. Martinho da Vila: O negro *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: XAVIER, Leila da Silva; LACERDA, Luciebe da Silva; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (org.). *21 dias de ativismo contra o racismo*. Rio de Janeiro: Selo Novo, 2018.

SANTOS, Ivanir dos. História da Intolerância e vestígios históricos para a reconstrução de uma memória coletiva das religiões de matrizes africanas. In: *Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 19, 2017.

SANTOS, Ivanir dos; GINO, M.; CAVALCANTI, J. B.; ALMEIDA, V.; LUZ, G.. *Intolerância religiosa no Brasil: relatório e balanço*. Rio de Janeiro: Klíne, 2016.

SANTOS, Ivanir dos; RUBIM, R. *Caminhando a Gente se Entende*. Rio de Janeiro: CIP Brasil Catalogação na Fonte, 2012.

SANTOS, Ivanir dos; FILHO, A. *Os Afro-Brasileiros na Gestão Pública*. Rio de Janeiro: CIP - Brasil Catalogação na Fonte, 2012.

SANTOS, Ivanir dos. Os desafios da gestão afro-brasileira. In: SANTOS, Ivanir dos; ESTEVES FILHO, Astrogildo (org.). *Os Afro-brasileiros na gestão Pública*. Rio de Janeiro: CEAP, 2012.

SANTOS, Ivanir dos; FILHO, A. (org.). *Intolerância Religiosa X democracia*. Rio de Janeiro: CIP- Brasil Catalogação na Fonte, 2009.

SANTOS, Ivanir dos; ROCHA, J. G.; GOMES, E. P.; BARROS, J. F. P.; VIEIRA, A. L. C.; SILVA, J.; TRINDADE, A. L.; CARVALHO, A. L. N.; MARTINS, S.; NASCIMENTO, A. (org.). *Diversidade & Ações Afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SANTOS, Ivanir dos. Blacks and Policial Power. In: *Racial Politics in Contemporary Brazil*. Durham: Duke University Press, 1999.

Recebido em 02/11/2020, aceito para publicação em 26/11/2020.